O pavilhão brasileiro na E xposição de Filadélfia.

A CONTRIBUIÇÃO DA MARINHA BRASILEIRA PARA A EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE 1876 EM FILADÉLFIA

WILCOMB E. WASHBURN
Diretor do Departamento de Estudos Americanos do Smithsonian Institution

Talvez nenhum evento tenha aproximado mais o Brasil dos Estados Unidos do que a Exposição Comemorativa do Primeiro Centenário da Independência Americana, realizada na Cidade de Filadélfia, em 1876. As cerimônias na sua abertura, em 10 de maio do mesmo ano, permaneceram, por muito tempo, na consciência dos americanos. Num palanque armado entre o *Memorial Hall* e o principal Edifício da *Fairmouth Park*, às cerimônias oficiais, que contaram com vasta multidão, estiveram presentes o Presidente dos Estados Unidos, Ulysses S. Grant, o Imperador do Brasil, D. Pedro II e a Imperatriz. que ocuparam os principais lugares de honra. O ato principal simbólico da inauguração da exposição, ocorreu quando o Presidente Grant e o Imperador Pedro II acionaram, simultaneamente, as válvulas de duas máquinas que abriram o vapor para dar partida ao gigantesco motor (projetado por George H. Corliss) o qual punha em funcionamento as demais máquinas em exibição. Oito milhas de cabos ligavam o grande engenho de Corliss às centenas de máquinas em exibição. O abrir e fechar do grande motor simbolizavam o po-

O pavilhão visto de outro ângulo

der e unidade que caracterizavam a nova era tecnológica, cuja celebração se iniciava em Filadélfia.

O Governo Brasileiro demonstrou seu entusiasmo em participar daquela cerimônia em Filadélfia, repartindo, assim, com o seu amigo norte-americano maior otimismo do futuro do que apego pelo passado.

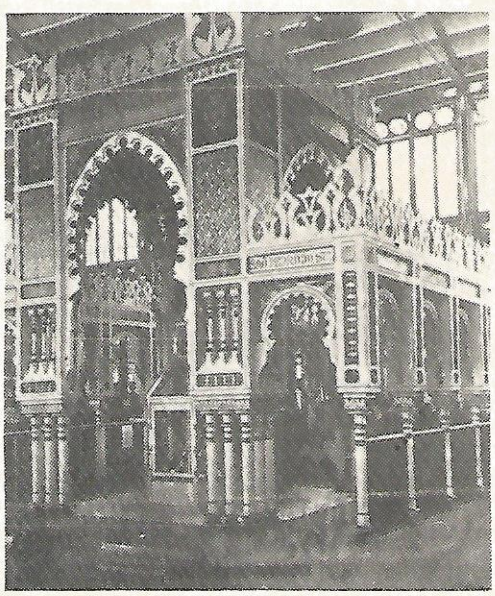
O Brasil, com o *Império do Brasil na Exposição Universal de 1876, em Philadelphia,* publicado em 1876 no Rio de Janeiro, em edições portuguesa, inglesa, francesa e alemã, salientava — tinha uma população estimada em doze milhões de almas.

Daquele número, dois milhões eram *de aborígenes selvagens* e 1 476 567 eram escravos. A escravidão estava, entretanto, em trajetória decrescente, uma vez que uma lei de 1871 decretou que ninguém mais podia nascer escravo no Brasil, principal medida no sentido da planejada extinção gradual daquilo que os americanos chamavam de *instituição peculiar. O Império do Brasil* não chamava imediata atenção para a população do País. Ao contrário, a primeira página enfatizava a vastidão territorial do Brasil. O Brasil, salientava o livro, *cobre 1/15 da superfície total do Globo Terrestre, 1/5 do Novo Mundo e mais 3/7 da América do Sul.* O Brasil não só aguardava o Centenário de Filadélfia, como estava preparado para dele participar, tendo organizado quatro exposições prévias internas e enviado objetos às feiras internacionais de Paris, em 1867 e Viena, em 1873.

Em 2 de dezembro de 1875, uma grande exposição nacional foi inaugurada no Rio de Janeiro (sendo encerrada em 16 de janeiro de 1876). Esta exposição foi uma preparação para a de Filadélfia. Os comissários da Exposição Nacional, cuja história se recorda no livro *Exposição Nacional do Brasil em 1875,* de Augusto Emílio Zaluar (Rio de Janeiro, 1876) foram os mesmos encarregados da participação do Brasil no Centenário de Filadélfia.

Um número de especialistas brasileiros igualmente participou de ambas exposições, dentre eles o médico Dr. Nicolau Joaquim Moreira, um técnico em agricultura brasileira, o qual durante a Exposição de Filadélfia publicou estudo especial sobre o *Café Brasileiro* (New York, 1876) e *Notas Históricas Concernentes a Fibras Vegetais,* apresentadas por *Severino L. da C. Leite* (Nova York, 1876); Dr. José de Saldanha da Gama, PhD.) que publicou um *Catálogo de Produtos da Flora Brasileira na Exposição Internacional de Filosofia,* (New York, 1876), e *Anotações Relacionadas com Algumas Plantas Têxteis do Brasil, em Exposição Internacional em Filadélfia em 1876* (New York, 1876).

As cerimônias de abertura da Exposição Brasileira foram honradas, como o foram as de Filadélfia, com presença



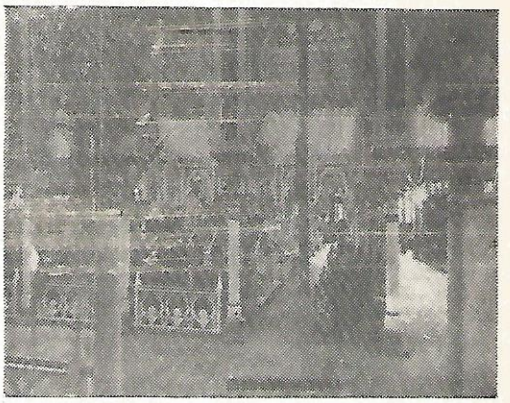
O principal setor da Exposição

do Imperador e da Imperatriz. O Imperador, segundo o descrito por Zaluar (p. 81) foi o *mais infatigável e minucioso observador da Exposição*. Ao inaugurar, por outro lado, as cerimônias do Rio, o Conde d'Eu, Presidente da Exposição Nacional Brasileira, constatou que os objetos recebidos para a Exposição Nacional eram destinados à Exposição de Filadélfia (p. 24).

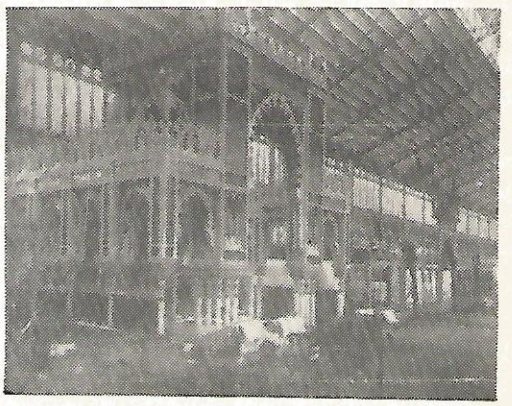
Foi por ocasião da inauguração do Rio que um exemplar antecipado do livro intitulado *O Império do Brasil* foi presenteado às Suas Magestades. Zaluar refere-se ao livro de 543 páginas, impresso na Tipografia Nacional, como "um precioso livro, devido ao notável talento e profunda ilustração do Exmo. Sr. Visconde do Bom-Retiro, em colaboração com muitos outros escriptores e profissionaes distinctos, serviço que o paiz deve reconhecer como um dos mais assignalados em favor do verdadeiro ponto de vista do progresso moral e material por que o Brazil deve ser apreciado, tanto pelos seus, como pelas nações estranhas, e os que especialmente admirarem seus productos na grande exposição da República dos Estados-Unidos" (p. 26).

O amor-próprio brasileiro não estava só em julgar altamente o livro. O crítico do *New York Tribune*, E. V. Smalley, anotou sobre a Exposição Brasileira, no seu comentário publicado na *Tribune*, em edição extra nº 35, de 17 de agosto de 1876, intitulado *Comentários sobre a Exposição*, ou *Guia da Exposição* "que nenhuma característica da admirável apresentação do Brasil na exposição foi mais distinta do que as publicações editadas para distribuição, aqui, sob a direção do Governo Imperial".

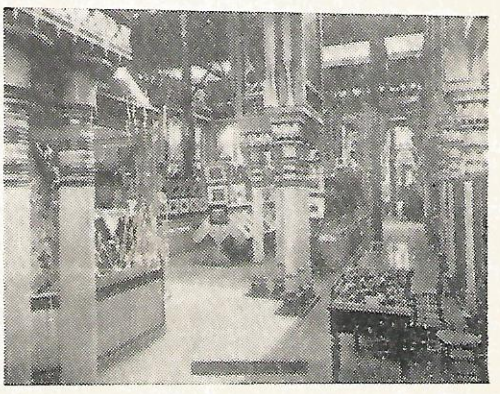
A organização da Exposição Brasileira correspondeu muito aproximadamente com a da americana. Enquanto amplas categorias de expositores encorajavam a compreensível apresentação de agricultura e recursos minerais, a Exposição Brasileira enfatizava, em particular, o progresso das artes industriais. Deste modo, para um país como o Brasil tanto quanto para os Estados Unidos, ambos agradecidos por seus recursos naturais e ambos confiantes nas suas habilidades, para transformar



Salão principal da Exposição



Outra visão do setor principal



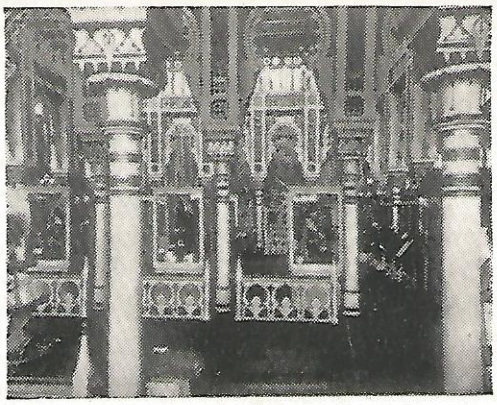
Visita interna do salão principal

tais recursos em futuro próspero, a exposição oferece oportunidades para expressar o orgulho nacional.

Na Exposição Brasileira de 1875 foram evidenciados os trabalhos dos engenheiros brasileiros e estrangeiros, que estavam rapidamente transformando as cidades e portos do Brasil. Por exemplo: planos e fotografias dos trabalhos da Doca Dom Pedro II no Rio, obra do Engenheiro Brasileiro André Rebouças, apresentados em ambas Exposições do Rio e de Filadélfia. Semelhantemente os planos de melhoramentos de portos idealizados pelo Engenheiro inglês Sir John Hawkshaw foram expostos em ambas as exposições. Hawkshaw foi, além disso, um dos juízes das exibições do Grupo XXVI (Arquitetura e Engenharia) na Exposição de Filadélfia, assim como J. M. da Silva Coutinho, do Brasil. A exposição de Rebouças sobre docas de madeira no Rio de Janeiro foi comentada no volume VII dos *Relatórios* e *Prêmios* da Exposição de Filadélfia.

Café, chocolate, óleo de coco, fumo, milho, arroz e muitos outros produtos demonstravam a riqueza agrícola do Brasil no Centenário de Filadélfia. Ouro, diamantes, minério de ferro, carvão e inúmeros outros minerais representavam igualmente a riqueza mineral do Brasil. Móveis, cerâmicas, porcelanas, tintas para escrever, saponáceos, perfumes, lavatórios de mármore, artigos de algodão, linho e seda, sapatos, chapéus e bengalas estavam entre os produtos que ilustravam as manufaturas do Brasil. Dentes artificiais, instrumental cirúrgico, arreios para montaria (rédeas, selas e chicotes) estavam entre outros produtos do país expostos na exposição.

O Exército e a Marinha, individualmente e pelas suas instituições educacionais, contribuíram com inúmeros outros objetos que estavam em exibição na exposição mencionada. O presente documento concentrar-se-á nos objetos



Salão principal, visto de outro ângulo

Sala de exposição de máquinas

de interesse naval, particularmente hidrográficos, com que o Brasil contribuiu para o Centenário de Filadélfia.

Dentre os itens enviados a Filadélfia estavam livros educacionais, desenhos, modelos etc. feitos pelos alunos da Escola Naval do Rio de Janeiro. O catálogo da seção brasileira citava esta coleção como "a mais digna de atenção *por causa* da excelência dos trabalhos dos cadetes[1] e considerando também que todos os livros haviam sido escritos por professores brasileiros". Mapas e cartas foram enviados tanto pela Escola Naval como pelo Arquivo Militar. Uma agulha náutica repetidora foi exibida por Luís de Saldanha,[2] da Marinha Brasileira. Uma aparelhagem de sonda-

1) Na hipótese, aluno da Escola Naval. (Nota do tradutor).
2) Luís Fellipe de Saldanha da Gama, então Capitão-Tenente da M.B.

gem de grande profundidade marítima foi contribuição de A. Pereira Pinheiro da Marinha Brasileira.

O Conselho Diretor da Companhia de Obras das Docas Pedro II enviou desenhos mostrando os trabalhos realizados nas Docas do Rio e amostras de madeira empregadas nos trabalhos de construção submarina, cais e armazéns. Estes objetos foram exibidos com fotografias das Docas da Alfândega e planos mostrando detalhes de trabalhos realizados por André Rebouças e Borja de Castro, do Rio.

O Ministério de Obras Públicas submeteu um projeto para melhorar os portos do Brasil, do Sir John Hawkshaw. Estudos e contornos dos Rios das Velhas e São Francisco foram exibidos por E. Lins, do Rio de Janeiro. O Departamento Hidrográfico do Rio de Janeiro apresentou estudos de 2 240 milhas do Rio Amazonas de cartas da Costa e Portos do Brasil feitos pelo Capitão-de-Fragata, Soares Pinto (da Marinha Brasileira) e Engenheiro Ferreira Dias, sob a direção do Capitão-de-Mar-e-Guerra Costa Azevedo (da Marinha Brasileira).

O Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro exibiu baldes de couro para o Serviço de Artilharia e estojos de couro para armamento pesado. O Arsenal da Província da Bahia exibiu ferramentas manuais e fechaduras para depósitos de navios e estabelecimentos navais.

O Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro enviou modelos dos diques secos abertos na rocha.

O mesmo Arsenal exibiu modelos de máquinas para pequenos monitores e motores para navios; uma máquina a vapor para fornecer energia a motor do Laboratório Pirotécnico do Rio de Janeiro e movimentar polias, cadernais, roldanas e máquinas volantes.

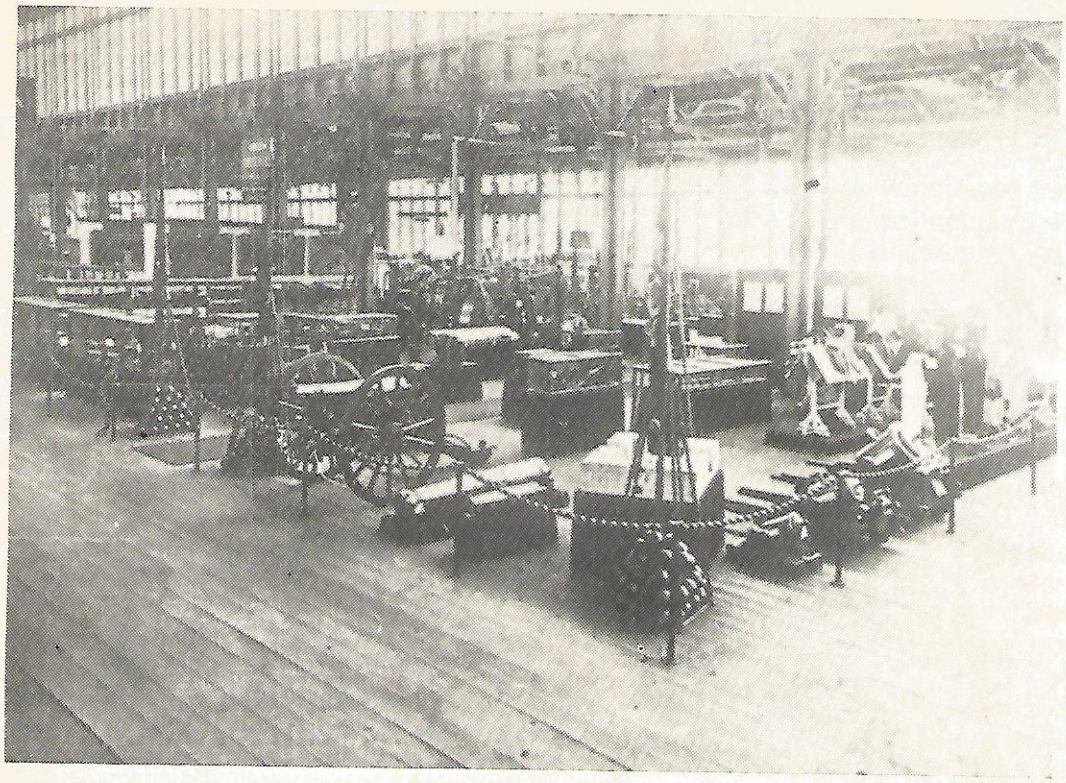
Aparelhos hidráulicos e pneumáticos foram exibidos por T. C. da Costa (bombas, hidrantes e agulhetas de mangueiras) e por F. Cândido das Neves (registros ou torneiras de passagem).

O Arsenal de Marinha também expôs modelos de couraçados, casamatas e navios monitores, lanchas a vapor, modelos de corvetas e lanchas desenhadas por Trajano de Carvalho.

Em aditamento, o Arsenal exibiu simples madeiras usadas na construção naval.

O Brasil enviou um grande número de tintas a óleo à exposição, as quais foram mostradas nas esculturas brasileiras, aquarelas, litografias, penas e tintas de desenhos. Diversas pinturas atualmente estão em exposição nos museus do Rio de Janeiro, notadamente A *Batalha Naval do Riachuelo* (Guerra do Paraguai) de Victor Meirelles de Lima, do Rio de Janeiro. Adicionalmente, alguns pintores contribuíram com telas intituladas *Divisão de Encouraçados Passando por Humaitá* (Guerra do Paraguai) e *A Primeira Missa no Brasil*. Pedro Américo de Figueiredo, do Rio, exibiu duas telas: *Exército Brasileiro Atravessando Passo da Pátria*, Comandado pelo Marechal Osório (Guerra do Paraguai), e *Defesa da Ilha de Cabrita* (Guerra do Paraguai). Além dessas um *Quadro do Imperador do Brasil* por H. Henschell, do Rio, e *Luar no Porto de Montevidéu* de De Martino, foram exibidos juntamente com diversas outras.

A Delegação Oficial do Brasil acreditada junto à Exposição de Filadélfia consistia de Sua Alteza Gaston d'Orleans, Conde d'Eu, Marechal do Exército, Presidente; Visconde de Jaguari, 1º Vice-Presidente; Visconde de Bom Retiro, 2º Vice-Presidente; Visconde de Souza Franco; e Joaquim Antônio de Azevedo. Os comissários-residentes ao centenário eram Sua Excelência A. P. de Carvalho Borges, Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário de Sua Majestade o Imperador do Brasil, Presidente; Sr. Felipe Lopes Neto, Vice-Presidente; Dr. José de Saldanha; Dr. Nicolas Joaquim Moreira; Sr. Pedro Paes Leme; Capitão-Tenente Luiz de Saldanha, Adido Naval; Dr. J. M. de



Vista geral da sala de maquinaria

Silva Coutinho, e Sr. B. F. Torrearo de Barros, Secretário de Legação. O Sr. Arthur Alvim, Engenheiro, também se encontrava entre os comissários residentes. O Capitão-Tenente Luiz Phellippe de Saldanha da Gama, o adido naval estava também relacionado no volume dos relatórios e premiados do Grupo XIX (navios e mecanismos de transportes não incluídos em outros grupos) como um juiz *temporariamente designado do Grupo XVI paraa ssistir ao exame das classes anexas ao seu nome,* especificadamente velejando navios usados no comércio, na guerra e para recreação. O Governo Imperial do Brasil, no julgamento, foi elogiado pela qualidade dos objetos navais expostos.

Aqueles, que acompanharam o Ministro Brasileiro, A. P. de Carvalho Borges e a Senhora Carvalho e o Imperador e a Imperatriz na inauguração da exposição, foram D. Pedro d'Alcântara e *Lady* Alcântara, Dª. Josefina Fonseca Costa, Visconde de Bom Retiro, Almirante J. R. de Lamare, Conselheiro J. R. de Sousa Fontes, Cavalheiro Artur de Macedo, Dr. C. Henning, Sr. Barros, Secretário de Legação, e Sra. de Barros e Sr. J. Carlos Rodrigues.

Carvalho, em carta de 5 de maio de 1876 (arquivo da Smithsonian) ao General Joseph R. Hawley, Presidente do Comitê Americano que organizou a Celebração do Centenário, agradeceu aos americanos pelos preparativos que estavam sendo feitos em homenagem do Imperador na abertura da Exposição.

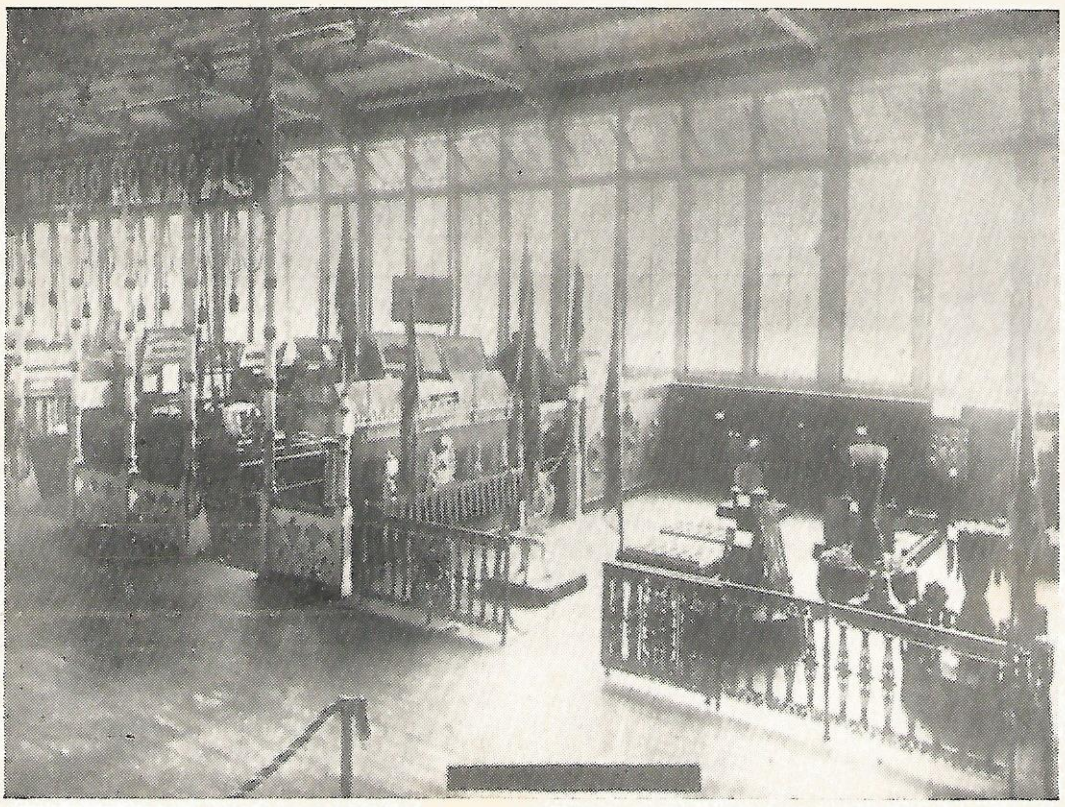
"Porém eu sinto que o Imperador talvez julgue que isto é demasiada distinção", ele observou. Carvalho indicou que por ocasião da chegada do Imperador, ele o consultaria e enviaria um telegrama a Hawley indicando se o Imperador "aceitará a entrada especial ou se prefere ir para o Edifício Principal, com outros convidados". O Imperador, como acima mencionado, aceitou as honras especiais que os Estados Unidos desejavam outorgar-lhe.

Vista geral do salão de agricultura

Mostruário em exposição no salão de agricultura

O Brasil enviou a Corveta *Niteroy* ou *Nictheroy* (Niterói é a grafia presente) para transportar o Imperador a Filadélfia. A relação dos oficiais do navio, elaborada pelo Conselheiro Lopes Neto da Legação, e enviada ao General Joseph R. Hawley, presidente do Comitê Americano organizador do centenário, indicava que o comandante do navio foi José da Costa Azevedo. Sob suas ordens estavam o Capitão-de-Fragata Francisco Feliz da Fonseca Pereira Pinto, Capitães-Tenentes Manuel Pinto Bravo, José Antônio da Silva Guimarães e Tomás de Medeiros Pontes; Primeiros-Tenentes João Cordeiro da Graça, Poli-

Aspecto do salão de agricultura



Tomada em outro ângulo do salão de maquinaria

carpo Cesário de Barros, José Martins de Toledo, Joaquim Antônio Fernandes de Assunção, José Joaquim Machado da Cunha, José Joaquim da Fonseca Lessa e Gaspar Pinto Fróes de Azevedo; Guardas-Marinha Luiz de Azevedo Cadaval (em outra relação Cavarol), Joaquim Pinto Dias, Bento José Manso Saião, José Antônio Airosa, Eduardo Augusto Viríssimo de Matos e Francisco Viríssimo de Paula Leite; Primeiro Cirurgião, Dr. Florentino Teles de Menezes, Segundo Cirurgião, Dr. Joaquim José Marques; Capelão, Padre João Croco (Crocco em outra relação); Comissário Horácio Carvalho da Silveira Lemos e Primeiro Maquinista Joaquim Januário da Silva.

SUMÁRIO

Estudiosos têm atribuído à celebração do centenário significantes resultados entre o povo americano.

O desejo dos Estados Unidos ao convidar o mundo a participar das celebrações de Filadélfia foi expressivo dessa veemente confiança.

Talvez seja importante saber que o país mais comparado aos Estados Unidos em termos de seu imenso potencial propício ao desenvolvimento — Brasil — possuísse um distinto lugar de honra, ao serem inauguradas as festividades. E, de todas as representações do Brasil, nenhum grupo representou papel mais notável do que a Marinha Brasileira, cuja Repartição Hidrográfica, na Ilha Fiscal, no Porto do Rio, lembra a arquitetura e o espírito daquela época passada.